

"Lau darco", 29 de julho de 1940.

Meu caro Antônio Sales

Estou respondendo à sua prezada carta de 16 do corrente mês; faço-o em "languados", por exceder a resposta as dimensões ordinárias de uma epistola.

Terei que doeria sobretudo à sua sensibilidade moral e mental a catástrofe que caiu sobre a pobre França. Como você, senti-a eu também profundamente; cheguei até a dizer-lhe, na minha última carta, que a guerra havia desde então perdido quase todo o interesse para mim.

Seu <sup>você</sup> e seu <sup>você</sup> foram a inépcia e a politicalha uma das principais causas do desastre, como já havia sido a primeira delas a do desastre de 1870; então, "o incompetente imperador, que havia feito tudo em redor de si à sua imagem", como disse Sittler, ajudado por Bazaine, em Metz, foi o responsável histórico do feito. Na guerra de 1914-18, milagrosamente não se reproduziu a catástrofe, graças à intervenção oportuna dos americanos do norte. Agora, a mesma inépcia e politicalha, que começaram a operar em 1919, em Versailles, e, por último, orquestraram lon-



gamente pelas mandíbulas de Deladieu e, na outra margem da planície, pelas de Chamberlain, deixaram que o inimigo se armasse durante longos anos às bizuicinas da França, e, afinal, lançaram esta ao abismo.

Delegada a guerra, o mais gaulês à estratégia germânica, que iniciou um ataque "simulado", sem real objetivo militar, à Holanda, a fim de para ali atrair, através da Bélgica, os exércitos aliados, que caíram na "ratonada", deixando extremamente alongada e, conseqüentemente, tênue a linha da defesa do norte da França. Logo vieram os huns furiosamente sobre o centro da linha, em Sedan, e não sei por que milagre não conseguiram fracionar imediatamente os exércitos aliados. Isso e a retirada do corpo expedicionário britânico completaram o desastre. Li o artigo de Edie J. Bois, num dos números do Unitário que você me mandou; é impressionante e o seu conteúdo dá em que pensar, maximè a nós outros que estamos longe do teatro dos acontecimentos e um tanto mistificados pela desfaçatez dos serviços telegráficos dos jornais. Entretanto, pode-se pensar também que, se Weygand prosseguisse na luta sem a colaboração, no território francês, de um milhão e mais, pelo menos, de



soldados ingleses, já hoje estaria derrotado e teria sacrificado um ou dois milhões de homens, sem falar no maior número de províncias e colônias francesas que teriam de ser levadas a uma-  
nhã nas futuras indenizações de guerra.

Acho hipótese sumamente audaciosa a invasão das Ilhas Britânicas e, do mesmo passo, muito problemática a vitória da Inglaterra no sangrento duelo. Entretanto, não é absurda a previsão da entrada "gatonal" dos alemães e italianos na Espanha, a fim de abrirem caminho para Gibraltar, através de cujo estreito não de contem passar os últimos com a sua esquadra para o ataque às Ilhas Britânicas. Contudo, hipótese mais racional é a de que a Espanha interromper a manha o conflito, dado o fato de se haver colocado entre os contendores um estrategista terrível, que é o Canal da Mancha...

\* Encarando de mais alto, numa visão panorâmica, o desdobrar dos acontecimentos, poderíamos entrever, em tudo isso que se está operando na Europa, coisa mais complexa e importante do que um simples choque de armas, isto é, — a ação subterrânea, e profunda para nós, do Funcionário (vá aqui o termo, visto adequar-se bem, de preferência à "coisa em si", à bruta dos fatos atuais) que rege o mundo e, portanto, também as nossas



humanas, o qual opera talvez no sentido de revolver e transmutar a fisiologia da civilização ocidental. Há cerca de dois anos, Clovis Bevilacqua definiu a crise por que vem passando as sociedades universais como "uma curva da evolução", tendente à substituição não somente dos processos atuais, mas à ~~reestruturação~~ reestruturação da própria estrutura da sociedade humana.

A declaração de André Gide, por você citada, lembra-me um caso interessante: terem sido Lenin e Stalin os autores das duas últimas guerras, aquele, constituindo-se a "espolata" que fez deglazar a Rússia de 1914, mediante habéis incitações aos refugiados sérvios no sentido do assassinio de Sarajevo, e este, dando raço a Chamberlain e Deladier, por meio de perdidas simulações, que terminaram no mais descarado trabuco de todos os séculos, pelo meado do ano findo.

Vou terminar estas considerações.

\* Sinceramente lhe congedo que não encontro em Getúlio Vargas "a graciedade" para conter os conceitos de ambicioso, deshonesto e cavaleiro de indústria que você lhe aplicou. Aguardo, todavia, para qualquer ulterior modo de encarar, a carta sobre ele que você me promete.



Atenção excelente a quem guardará a  
resqueto do ex-Reinado da Bélgica  
(Vejo ex em sentido duplo, referindo-se  
tanto à hipótese muito nacionalista  
de uma recolocação a Bélgica à partida  
das nações livres, como deverá succeder com  
a Holanda, Prússia, Holanda e Saxônia  
(Luzemburgo).

Recellino o livro do Rail Trachado, e  
já ditado iniciado agora mesmo; não go-  
nho o livro Saeris, de autoria dele,  
nem também a crônica que está publicada  
contra respeito do mesmo livro.

Estava aguardando o reparecimento  
do de livro Novos retatos e lembra-  
ças, que julgava estar no prelo; entãto,  
vi agora um artigo do Carlyle Marquis,  
segundo o qual não estará o livro ins-  
tes a ser à luz.

Deverá a parecer brevemente ai mais  
um voluma da Revista da Academia  
Caense de Petras, para o qual man-  
dei alguma coisa.

Soube, pelos Jornais, que o nosso a-  
migo Heerman Sim havia chegado  
ai, e enviei-lhe uma carta de boas-  
vindas.

Agradeço-lhe a reversão dos 2 núme-  
ros do Unitário.

= Peço-lhe que me mande, por empres-  
timo, a Vida de Jesus, de E. Renan.

Recite o saudoso e cordial abraço  
do Cam Filho

(Veire)



